

Corpo Existencial

De diferentes visões de corpo ao corpo existencial: uma perspectiva em Merleau-Ponty

Iris Lima e Silva - CREF 009141-G/RJ

Mestre em Ciência da Motricidade Humana- Universidade Castelo Branco/RJ
irislimaucb@yahoo.com

Heron Beresford - CREF 0043

Professor titular do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciência da Motricidade Humana da Universidade Castelo Branco/RJ
Professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
heronb@terra.com.br

SILVA, I.L. e; BERESFORD, H. de diferentes visões de corpo ao corpo existencial: uma perspectiva em Merleau-Ponty. *Fitness & Performance Journal*, v. 5, n° 3, p. 172-176, 2006.

Resumo - Seja na visão do senso comum, seja na visão da ciência, o conhecimento que ainda hoje prevalece acerca do corpo é reconhecê-lo como um objeto. Um objeto absoluto, exposto por inteiro em um espaço objetivo, e sobre o qual se cria uma idéia que, como o objeto, pretende ser a mesma para todos os tempos e todos os lugares (Merleau-Ponty, 1999). É no pensamento de Merleau-Ponty (op. cit.), contrariando essa idéia de um corpo entendido como uma coisa entre as coisas do mundo e que se faz pela soma de processos físico-químicos ligados por relações de causalidade, que se ilumina a concepção de um corpo-existencial. Um corpo no qual o processo psicofísico a ele inerente é constituído a partir de um processo vital próprio da nossa experiência existencial, refletindo uma consciência engajada no mundo. Foi, portanto, objetivo deste artigo evidenciar essa concepção de corpo que este autor aponta em sua obra *Fenomenologia da Percepção* (1999), a partir da reflexão de temas como a percepção do mundo e do corpo próprio; o corpo-objeto e a fisiologia mecanicista; a experiência do corpo e a psicologia clássica; a espacialidade do corpo próprio e a motricidade e ainda outros analisados pelo autor.

Palavras-chave: Corpo-existencial; Consciência; Percepção.

Endereço para correspondência:

Av. Prefeito Dulcídio Cardoso, 11.00, Ap. 2403- Barra da Tijuca- Rio de Janeiro CEP: 22 793-012

Data de Recebimento: Março / 2006

Data de Aprovação: Maio / 2006

Copyright© 2006 por Colégio Brasileiro de Atividade Física Saúde e Esporte.

ABSTRACT

From different visions of body to existential body: a perspective on Merleau-Ponty

Both common sense and science share, the same predominant vision until today which is that body is recognized as an object. An absolute object entirely exposed in an objective space, and about which the idea of an object is created and intended to be the same for all times and places (Merleau-Ponty 1999). It is on Merleau-Ponty's thoughts, on the contrary idea of a body understood as a thing among world's things which is made by additions of chemistry-physics process connected by causality relations that a conception of an existential body is reached. A body in which psychophysical process is inherent is constituted from a vital process peculiar of our existential experience, reflecting a consciousness engaged to the world. The aim of this article is to evidence the body conception that this author points out in his work called Perception Phenomenology (1999), through reflections of themes like world and body perception; the body object and the physiologic mechanism; the body experience and the classic psychology; the body spatiality and the motility and others analyzed by the author.

Keywords: Existential body; Conscience; Perception.

INTRODUÇÃO

Seja na visão do senso comum, seja na visão da ciência, o conhecimento que ainda hoje prevalece acerca do corpo é reconhecê-lo como um objeto. Um objeto absoluto, exposto por inteiro em um espaço objetivo, e sobre o qual se cria uma idéia que, como o objeto, pretende ser a mesma para todos os tempos e todos os lugares (Merleau-Ponty, 1999).

É no pensamento de Merleau-Ponty (op. cit.), contrariando essa idéia de um corpo entendido como uma coisa entre as coisas do mundo e que se faz pela soma de processos físico-químicos ligados por relações de causalidade, que se ilumina a concepção de um corpo-existencial. Um corpo no qual o processo psicofísico a ele inerente é constituído a partir de um processo vital próprio da nossa experiência existencial, refletindo uma consciência engajada no mundo.

Foi, portanto, objetivo deste artigo evidenciar essa concepção de corpo que o autor aponta em sua obra Fenomenologia da Percepção (1999), a partir da reflexão sobre temas como a percepção do mundo e do corpo próprio; o corpo-objeto e a fisiologia mecanicista; a experiência do corpo e a psicologia clássica; a espacialidade do corpo próprio e a motricidade e ainda outros analisados pelo autor.

O CORPO E A PERCEPÇÃO DO MUNDO

O homem está no mundo; visa e percebe o mundo, as coisas do mundo e a si mesmo. Nossa percepção, em suas implicações vitais, e nosso olhar, como meio de conhecer, nos dá acesso aos objetos. Ver um objeto é vê-lo de certo lugar, em uma potência limitada que nos dá uma visão parcial do mundo. É fixá-lo e explorá-lo dentro de um campo visual, no qual outros objetos formam seu horizonte.

Vemos e percebemos os objetos sob certo ângulo e uma infinidade de outros olhares penetra-os e se entrecruzam em suas profundezas. Todas estas visões são verdadeiras, desde que não

RESUMEN

De diferentes visiones de cuerpo al cuerpo existencial: una perspectiva en Merleau-Ponty

Sea en la visión del sentido común, sea en la visión de la ciencia, el conocimiento que aún hoy prevalece acerca del cuerpo es reconocerlo como un objeto. Un objeto absoluto, expuesto por entero en un espacio objetivo, y sobre lo cual se crea una idea que, como el objeto, pretende ser la misma para todos los tiempos y todos los lugares. (Merleau-Ponty, 1999). Es en el pensamiento de Merleau-Ponty (op. cit.), contrariando esa idea de un cuerpo entendido como físico-químicos conectados por relaciones de causalidad, que se ilumina la concepción de un cuerpo-existencial. Un cuerpo en lo cual el proceso psicofísico a el inerente es constituido a partir de un proceso vital propio de nuestra experiencia existencial, reflejando una conciencia engajada en el mundo. Fue, por lo tanto, objetivo de este artículo evidenciar esa concepción de cuerpo que este autor apunta en su obra Fenomenologia de la Percepción (1999), a partir de la reflexión de temas como la percepción del mundo y del cuerpo propio; el cuerpo objeto y la fisiología mecanicista; la experiencia del cuerpo y de la psicología clásica; la espacialidad del cuerpo propio y la motricidad y aún otros analizados por el autor.

Palabra-Clave: Cuerpo-existencial; Conciencia; Percepción.

as isolemos, desde que procuremos o núcleo de significação existencial em cada perspectiva.

Em uma perspectiva temporal, o objeto é visto a partir de todos os tempos. "Mas, mais uma vez, meu olhar humano só põe uma face do objeto [...]. Ele só pode ser confrontado com as visões precedentes ou com as dos outros homens por intermédio do tempo e da linguagem" (p.107). Podemos mesmo ter uma série concordante e indefinida de visões, mas, não o objeto em sua plenitude, pois a síntese dos horizontes é apenas uma síntese presuntiva e só opera com certeza e com precisão na circunvizinhança do objeto. As circunvizinhanças remotas já não são discerníveis; seu horizonte é longínquo e não fornece um testemunho preciso. O tempo escoado e o tempo por vir, só os possuímos em intenção. Assim, o objeto fica inacabado e aberto, como ele é, com efeito, na experiência perceptiva.

Porém, contrariando e ultrapassando a nossa presente experiência perceptiva, falamos das coisas em idéia. Então, "a consciência que eu tinha de meu olhar como meio de conhecer, recalco-a e trato meus olhos como fragmento de matéria" (ibid, p. 108). Tratamos nossa própria história perceptiva como um resultado das nossas relações objetivas com o mundo, e não como resultado de uma multiplicidade aberta e indefinida de relações de implicação recíproca. E mesmo o nosso corpo, falamos dele em idéia. Imobilizamos toda a experiência "[...] assim como um cristal introduzido em uma solução" (p. 109) e o tomamos como um objeto. Porém, ver-se-á que ele se furta a este tratamento que a própria ciência lhe quer impor.

Ao falarmos do corpo em idéia, do universo em idéia, do tempo em idéia e do espaço em idéia, cria-se um pensamento objetivo que nos faz perder o contato com a nossa experiência perceptiva do mundo que funda para sempre a idéia de verdade. Se procurarmos um pensamento para expressar o mundo, procuramos aquilo que ele é possível, o que percebemos, e não aquilo que

ele é. Porque o mundo não é aquilo que pensamos e sim, aquilo que vivemos.

Como poderia o corpo, sendo um objeto, perceber as coisas do mundo?

O CORPO COMO OBJETO E A FISILOGIA MECANICISTA

Para se evidenciar que o corpo não mais pode ser compreendido como um objeto é preciso que se especifique o que é um objeto.

Um objeto é formado de partes independentes, só admitindo, entre estas e entre si mesmo e os outros objetos, relações exteriores e mecânicas, seja no sentido de um movimento recebido e transmitido, seja no sentido amplo de uma relação de função e variável. Portanto, o corpo poderia ser inserido no universo dos objetos se o comportamento humano revelasse um comportamento linear entre o estímulo e o receptor. Assim, à maneira da fisiologia mecanicista, “[...] a relação entre o estímulo e a percepção podia ficar clara e objetiva, o acontecimento psicofísico era do mesmo tipo que as relações da causalidade ‘mundana’” (p. 112),

No entanto, a função do organismo na recepção dos estímulos é a de “conceber” certa forma de excitação. A excitação é apreendida e reorganizada por funções transversais relacionadas à consciência, na medida em que o Homem é um corpo que se levanta em direção ao mundo. Os determinantes psíquicos e os determinantes fisiológicos engrenam-se uns aos outros, de tal forma que, o comportamento extravasa a linearidade entre estímulo e receptor; “[...] a consciência do corpo invade o corpo, a alma se espalha em todas as suas partes” (p. 114). Como exemplo, podemos lembrar o fenômeno do ‘membro fantasma’ que não pode ter uma explicação fisiológica, nem uma explicação psicológica, nem mesmo uma explicação mista. Fisiologicamente um membro fantasma seria entendido como uma simples persistência de estimulações interoceptivas. Psicologicamente seria uma recordação, um juízo positivo ou uma percepção; a presença efetiva de uma representação.

Porém, “o amputado sente sua perna, assim como posso sentir vivamente a existência de um amigo que, todavia, não está diante de mim. Ele não a perdeu porque continua a contar com ela [...]” (p. 121). Este fenômeno só pode ser compreendido na perspectiva do Ser no mundo. O que em nós recusa a mutilação ou a deficiência que se opõem ao movimento natural que nos lança às nossas tarefas, às nossas preocupações, aos horizontes familiares, é um Eu engajado no mundo que para este continua a se estender. O corpo não existe como uma coisa inerte, como um objeto; ele esboça o movimento da existência e, neste, minha situação humana pode apagar minha situação biológica, fazendo-o lançar-se sem reservas à ação. Assim, ter um membro fantasma é estar aberto a todas as ações que somente aquele, se efetivamente existisse, seria capaz de realizar. Desta forma, ao mesmo tempo em que a exigência de um campo prático no mundo mascara a deficiência, não pode deixar de revelá-la. Tem-se, pois, consciência do corpo através do mundo, assim como, se tem consciência do mundo através do corpo.

O acontecimento psicofísico entendido de acordo com a fisiologia cartesiana é, por isso, descartado e na fisiologia moderna vimos apontar para o entendimento de que “[...] não há um só movimento em um corpo vivo que seja um acaso absoluto em relação às intenções psíquicas, nem um só ato psíquico que não tenha encontrado pelo menos seu germe ou seu esboço geral nas disposições fisiológicas” (p. 130).

A EXPERIÊNCIA DO CORPO E A PSICOLOGIA CLÁSSICA

Muito embora não tenha acenado para a distinção entre corpo e objeto, a psicologia clássica já fazia a descrição do corpo próprio representando tudo que é necessário para tal distinção. Afirmava que o corpo se distingue de uma lâmpada ou de uma mesa porque ele pode ser percebido constantemente enquanto nos afastamos deles e os perdemos de vista. Então, a presença de um objeto é, de tal forma, que ela não ocorre sem uma ausência possível. Ele é verdadeiro como uma coisa que está diante de nossos olhares, mas que desaparece de nosso campo visual à medida que dele nos distanciamos, podendo-se, no entanto, observá-lo sob outra perspectiva.

O corpo próprio, no entanto, seria um objeto que não nos deixa. Ele se apresenta a nós sempre pelo mesmo ângulo, não sendo possível desdobrá-lo sob nosso olhar; ele permanece à margem da nossa percepção. “Sua permanência não é uma permanência no mundo, mas uma permanência ao meu lado” (p. 134).

Não podemos, portanto, dar a volta em torno do próprio corpo e observá-lo. Não podemos mesmo tocá-lo, no sentido de que se toca algo no mundo. A mão que toca a outra pode também ser tocada de forma simultânea. Portanto, embora veja ou toque o mundo, nosso corpo não pode jamais ser tocado. Ao tocar-se ele tem “sensações duplas”, uma característica que a psicologia clássica também já citava, surpreendendo-se em uma função de exploração e conhecimento.

Dizia-se também que o corpo próprio é um objeto afetivo, enquanto as outras coisas nos são representadas. Os movimentos do corpo têm como que um germe, “sensações cinestésicas”. Movemos os objetos com o auxílio do corpo que os pega em um lugar e os conduz a outro. O corpo, ao contrário, se lança ao movimento em uma relação mágica com nossa decisão em nos movermos.

Muito embora todas essas características atribuídas ao corpo, a psicologia clássica não lhe conferiu uma identidade diferente das dos objetos. Entendia, como regra geral da ciência, que se podia, nas observações, separar o que diz respeito à situação do observador e as propriedades do objeto absoluto. “Para o sujeito vivo, o corpo próprio podia ser diferente de todos os objetos exteriores; para o pensamento não situado do psicólogo, a experiência do sujeito vivo tornava-se, por sua vez, um objeto [...]” (p. 139). Era o “psiquismo” que opunham ao real, como uma segunda realidade oriunda de um saber objetivo submetido às leis da ciência.

Para os psicólogos, as experiências alheias apagavam a estrutura da própria experiência e, desta forma, olhavam o próprio corpo através dos olhos dos outros, e viam, por sua vez, o corpo do outro como uma mecânica sem interior. No entanto, a psicologia não podia deixar de redescobrir-se como experiência, pois, ocupar-se de psicologia é necessariamente encontrar-se abaixo do pensamento objetivo que se move entre as coisas inteiramente prontas. Assim, a psicologia moderna vai progredindo e retorna à experiência, o que reafirma o corpo como Ser no mundo, provido de caracteres que o distanciam, cada vez mais, de ser como um objeto. São alguns destes caracteres que serão descritos a seguir.

A ESPACIALIDADE DO CORPO PRÓPRIO E A MOTRICIDADE

A espacialidade do corpo próprio corresponde ao seu contorno e suas partes se relacionam umas com às outras de maneira original; elas não estão desdobradas umas ao lado das outras, porém umas envolvidas às outras, como um sistema. Sabemos a posição de cada um dos membros do corpo por um esquema corporal, no qual não só estes membros, mas, também todos os órgãos, estão envolvidos. Este esquema é montado pouco a pouco no decorrer da infância e à medida que os conteúdos táteis, cinestésicos e articulares se associam entre si ou com conteúdos visuais que os requerem.

A noção de esquema corporal foi entendida primeiramente, como um resumo da experiência corporal capaz de oferecer ao indivíduo mudanças de posição das partes de seu corpo para cada movimento delas; a posição de cada estímulo local no conjunto do corpo; o balanço dos movimentos realizados em cada momento de um gesto complexo; enfim, uma tradução perpétua, em linguagem visual, das impressões cinestésicas e articulares do movimento. Depois, entendeu-se que ele não era o simples resultado das associações estabelecidas no decorrer da experiência, mas, uma tomada de consciência global de nossa postura no mundo intersensorial, uma 'forma'.

Porém, essa definição já está ultrapassada, pelas análises dos psicólogos, pois, não basta dizer que o corpo é uma forma, ou seja, um fenômeno no qual o todo é anterior às partes. É preciso lembrar que o esquema corporal é dinâmico e que o nosso corpo nos "[...] aparece como postura em vista de uma certa tarefa atual ou possível" (p.146). A espacialidade do corpo não é como a dos outros objetos exteriores, uma 'espacialidade de posição', mas, uma 'espacialidade de situação' que nos permite saber onde está, não só uma parte do corpo, mas também, onde está o corpo. Um corpo polarizado por suas tarefas, que existe em direção a elas, enquanto se encolhe sobre si para atingir sua meta. Assim, o 'esquema corporal' é uma maneira de exprimir que meu corpo está no mundo e é, evidentemente, na ação, que sua espacialidade se realiza.

Poderemos compreender melhor essa espacialidade, através de uma análise do movimento. O movimento como uma ação que se dá no campo fenomenal, isto é, representando fios intencionais em ação, pois, não é nunca nosso corpo objetivo que movemos, mas nosso corpo fenomenal que se levanta em direção aos objetos, que os percebe e que os pega.

Efetivamente, o corpo fenomenal é aquele que nos insere no mundo para suprir nossas carências e necessidades, ou seja, "o corpo é apenas um elemento no sistema do sujeito e de seu mundo, e a tarefa obtém dele os movimentos necessários por um tipo de atração à distância [...]" (p.154). Portanto, todo movimento é indissolúvelmente movimento e consciência de movimento. "A essência da consciência é dar-se um mundo ou mundos, quer dizer, fazer existir diante dela mesma os seus próprios pensamentos enquanto coisas, e ela prova indivisivelmente seu vigor desenhando essas paisagens e abandonando-as" (p.183). Portanto, a consciência é sempre consciência de algo e a motricidade humana existe como intencionalidade original, ou seja, a consciência é o ser para as coisas por intermédio do corpo e mover-se é visar às coisas através dele, é deixá-lo corresponder à sua solicitação.

Dessa forma, a motricidade não é como uma serva da consciência, que transporta o corpo ao ponto do espaço que nós previamente nos representamos. Para que possamos mover nosso corpo em direção a um objeto, primeiramente é preciso que o objeto exista para ele, no sentido de ter um significado.

Portanto, fazendo-se uma síntese do corpo próprio, pode-se entender que nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço. A experiência do corpo próprio ensina a enraizar o espaço na existência. A experiência revela, sob o espaço objetivo, uma espacialidade primordial que se confunde com o próprio ser do corpo. Sente-se o espaço do corpo, a despeito dos sentidos. "A espacialidade do corpo é o desdobramento de seu ser de corpo, a maneira pela qual ele se realiza como corpo" (p.206).

Quando se deseja alcançar um objeto, movimentos que atenderão os desejos se fazem necessários. Todos esses movimentos estão à disposição do Ser a partir de sua significação comum. É por isso que, nas primeiras tentativas de apreensão, as crianças não olham a sua mão, mas, o objeto: os diferentes segmentos do corpo só são conhecidos em seu valor funcional e sua coordenação não é apreendida. As conexões entre os segmentos do corpo e a experiência visual e tátil não se realizam pouco a pouco e por acumulação e, sim, de uma vez por todas. "Elas são o próprio corpo".

Não se contemplam apenas as relações entre os segmentos do corpo e as correlações entre o corpo visual e o corpo tátil. Contempla-se todo um conjunto e aquele que ao mesmo tempo os vê também os toca. Se ainda se pode falar, na percepção do corpo próprio, falar de uma interpretação, seria preciso dizer que ele se interpreta a si mesmo. Portanto, "[...] eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes, sou meu corpo" (p.207 e 208).

O CORPO COMO SER SEXUADO

No Homem, porém, a sexualidade não é um aparelho reflexo autônomo; a percepção objetiva do corpo é habitada por uma percepção mais secreta: o corpo visual é subentendido por um esquema sexual, estritamente individual, que acentua as zonas

erógenas, desenha uma fisionomia sexual e reclama os gestos do corpo, ele mesmo integrado a essa totalidade afetiva. Tem, portanto, o poder de projetar diante de si um mundo sexual, de colocar-se em situação erótica ou, uma vez esboçada a situação, de mantê-la ou dar-lhe uma seqüência até a satisfação.

“É preciso que exista, imanente à vida sexual, uma função que assegure seu deslocamento, e que a extensão normal da sexualidade repouse sobre as potências internas do sujeito orgânico” (p. 215). Essa função pode ser compreendida como uma libido que anima o mundo original, dando valor ou significações sexuais aos estímulos exteriores, esboçando para cada sujeito, o uso que ele fará de seu corpo objetivo. Adivinha-se aqui um modo de percepção distinto da percepção objetiva, um gênero de significação distinto da significação intelectual, uma intencionalidade de que não é ‘consciência de algo’. Na percepção erótica um corpo visa outro corpo; o desejo compreendendo cegamente; portanto, ela se faz no mundo e não em uma consciência.

Assim, ao mesmo tempo se redescobre a vida sexual como uma intencionalidade original e as raízes vitais da percepção, da motricidade e da representação, fazendo todos esses processos repousarem em um arco intencional, que dá à experiência o seu grau de vitalidade e de fecundidade. “A sexualidade não é, portanto, um ciclo autônomo” (p. 218). O sexual não é o genital; a vida sexual não é um simples efeito de processos dos quais os órgãos genitais são o lugar e a libido não é um instinto, quer dizer, uma atividade naturalmente orientada a fins determinados. Ela é o poder geral que o sujeito psicofísico tem de aderir a diferentes ambientes, de fixar-se por diferentes experiências, de adquirir estruturas de conduta. É preciso reconhecer que o pudor, o desejo, o amor em geral têm uma significação metafísica, isto é, eles são incompreensíveis se tratamos o homem como uma máquina governada por leis naturais, ou mesmo como um ‘feixe de instintos’, e que eles concernem ao homem como consciência e como liberdade.

A existência biológica está engrenada na existência humana e nunca é indiferente ao seu ritmo próprio. Viver é uma operação primordial na qual temos acesso à vida de relações; de ser para as cores e para as luzes pela visão, para os sons pela audição e para o corpo do outro pela sexualidade. Portanto, nosso corpo, longe de ser para nós um objeto, é o espelho de nosso ser, uma corrente de existência dada, de forma que nunca sabemos se as forças que nos dirigem são as suas ou a nossas – ou, antes, elas nunca são inteiramente nem suas nem nossas.

O CORPO COMO EXPRESSÃO E FALA

Para que se compreenda a fala do outro, evidentemente, é preciso que seu vocabulário e sua sintaxe ‘já sejam conhecidos’, no sentido de se conhecer a intenção que a originou. Isto porque a palavra não traz seu sentido, não tem nenhuma potência interior. É apenas um fenômeno psíquico, fisiológico ou mesmo físico, sendo o pensamento que lhe dá um sentido. “Na realidade fala e pensamento estão envolvidos um no outro, o sentido está enraizado na fala, e a fala é a existência exterior do sentido” (p.247). O pensamento e a expressão se constituem simultaneamente,

desta forma a fala se dá como um verdadeiro gesto e tem seu significado. É isto que torna possível a comunicação.

Porém, o sentido do gesto não é dado, mas compreendido, ou seja, retomado por um ato do espectador: “[...] obtém-se a comunicação ou a compreensão dos gestos pela reciprocidade entre minhas intenções e os gestos do outro, entre meus gestos e intenções legíveis na conduta do outro” (p.251). A comunicação, portanto, não ocorre através de uma interpretação intelectual das palavras, mas, de uma percepção do corpo. A comunicação entre as consciências não está fundada no sentido comum de suas experiências, mesmo porque ela o funda. É preciso reconhecer como irredutível o movimento pelo qual se empresta ao espetáculo, se junta a ele, em um tipo de reconhecimento cego que, precede a definição e a elaboração intelectual do sentido.

O gesto fonético, portanto, realiza para o sujeito falante e para quem o escuta certa modulação da existência, da mesma forma que um comportamento motor de meu corpo investe os objetos que me circundam, para mim ou para o outro, de certa significação.

O corpo tem, dessa forma, o poder de comunicação, seja pela fala ou pela expressão: “[...] eu não percebo a cólera ou a ameaça como um fato psíquico escondido atrás do gesto, leio a cólera no gesto, o gesto não me faz pensar na cólera, ele é a própria cólera” (p. 251). É, assim, por meu corpo que compreendo o outro, como é por meu corpo que percebo ‘coisas’. É através dos gestos, dentre estes a fala, que o corpo se torna o pensamento ou a intenção do que ele significa. Portanto, o corpo fala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a crítica de Merleau-Ponty aos conceitos filosóficos baseados na metafísica dualista, ficou clara a existência de um Homem anterior às separações e reduções impostas pelo pensamento filosófico e científico. Um Homem que, como um projeto, se faz por sua presença e ação no mundo, evidenciando de forma inexorável, sua natureza.

Uma natureza que pressupõe um inter-relacionamento entre psíquico/fisiológico/cultural, estabelecendo a noção de uma consciência perceptiva solidária com o corpo-próprio, ou um corpo vivido, maneira pela qual nos instalamos no mundo, ganhando e doando significação.

O Homem, Ser completamente diverso de um objeto é, assim, uma consciência encarnada que concretiza sua intencionalidade através do corpo, cujos movimentos são portadores de sentido ou significado por estarem vinculados ao Ser no mundo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MERLEAU-PONTY, MAURICE. *Fenomenologia da Percepção*. Rio de Janeiro: Ed. Martins Fontes, 1999.